



CAMPESINATO, GRUPO DOMÉSTICO E GÊNERO: O COTIDIANO DE VAQUEIROS E MULHERES NO INTERIOR CEARENSE

PEASANTRY, DOMESTIC GROUP AND GENDER: THE DAILY LIFE OF COWHERDS AND WOMEN IN THE COUNTRYSIDE OF CEARÁ

CAMPESINADO, GRUPO DOMÉSTICO Y GÉNERO: LA VIDA COTIDIANA DE VAQUEROS Y MUJERES EN EL INTERIOR DE CEARÁ, BRASIL

63

Recebido: 17/09/2021

Aceito: 26/04/2022

Laenia Nascimento da Silva¹

RESUMO

Considerando a figura do vaqueiro, e sobretudo, a de suas esposas como elementos centrais da discussão, o presente artigo toma por base os conceitos de campesinato, grupo doméstico e gênero, assim como as relações entre homens e mulheres em duas fazendas no município de Sobral (CE), aqui denominadas “Fazenda Estrela” e “Fazenda Grotas”. Investigo como esses espaços, em se tratando de ambientes públicos e privados, variam de acordo com os corpos que os habitam e como eles se transformam: seja no cotidiano, através da separação dos papéis sexuais na rotina de trabalho, ou quando ocorrem as disputas de vaquejada. Percebo que a atribuição das funções exercidas pelos membros da família camponesa, antes sob domínio masculino, pode ser compreendida como uma “complementariedade hierarquizada”, uma vez que ambos, homem e mulher, contribuem para a realização das funções diárias nas propriedades. Todavia, para além dessa ajuda característica da distribuição de atividades no grupo doméstico, os dados apontam que as mulheres passam a assumir também o papel de competidoras nas disputas de vaquejada, e não apenas o de espectadoras ou acompanhantes dos maridos. Desse modo, a pesquisa questiona a equivalência entre as oposições público/privado e masculino/feminino, problematizando essa homologia estrutural, sem com isso supor uma “igualdade” entre homens e mulheres.

Palavras-chaves: Campesinato, grupo doméstico, gênero, ajuda.

ABSTRACT

Considering the figure of the cowherd, and above all, that of his wives as central elements of the discussion, this article is based on the concepts of peasantry, domestic group and gender,

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Atualmente, é doutoranda pela mesma instituição. E-mail para contato: laenia10.silva@gmail.com.

as well as the relations between men and women on two farms in the municipality of Sobral (CE), here called “Fazenda Estrela” and “Fazenda Grotas”. I investigate how these spaces, in the case of public and private environments, vary according to the bodies that inhabit them and how they are transformed: whether in everyday life, through the separation of sexual roles in the work routine, or when there are vaquejada (bull-catching) disputes. I realize that the attribution of functions performed by members of the peasant family, previously under male domination, can be understood as a “hierarchical complementarity”, since both man and woman contribute to the performance of daily functions on the properties. However, in addition to this characteristic help in the distribution of activities in the domestic group, the data indicate that women also start to assume the role of competitors in the vaquejada disputes, and not just that of spectators or husband's companions. That way, the research questions the equivalence between public/private and male/female oppositions, problematizing this structural homology, without thus assuming an “equality” between men and women.

Keywords: Peasantry, domestic group, gender, help.

RESUMEN

Considerando la figura del vaquero y, sobre todo, la de sus mujeres como principales elementos de la discusión, el presente artículo saca los conceptos de campesinado, grupo doméstico y género, así como las relaciones entre hombres y mujeres en dos propiedades rurales de la ciudad de Sobral (Ceará, Brasil), acá nombradas “Granja Estrela” y “Granja Grotas”. Yo estudio como estos espacios, tales como siendo ambientes públicos y privados, cambian de acuerdo con los cuerpos que los habitan y como ellos se transforman: en el cotidiano, través de la separación de los papeles sexuales en la rutina de trabajo o cuando ocurren las peleas de rodeo. Me doy cuenta que la atribución de funciones que las hacen los miembros de la familia rural, antes dominada por lo masculino, puede ser entendida como una “complementariedad jerarquizada” una vez que los dos, hombre y mujer, contribuyen para la realización de las funciones diarias en las propiedades. Sin embargo, más allá de esa ayuda característica de la distribución de actividades en el grupo doméstico, las muestras apuntan que las mujeres también asumen el papel de competir en las peleas de rodeo, y no solo el papel de espectadoras y acompañantes de sus esposos. Siendo así, la pesquisa cuestiona la equivalencia entre las oposiciones público/privado y masculino/femenino, cuestionando esta homología estructural, sin hacer con que eso suponga una “igualdad” entre hombres y mujeres.

Palabras claves: Campesinado, grupo doméstico, género, ayuda.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. (...) Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso. (...) Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. (...) e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

(Euclides da Cunha, *Os Sertões*)

INTRODUÇÃO

Este artigo busca explorar o campo de pesquisa iniciado na graduação², o qual dei continuidade no mestrado em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. Trazendo como base principal uma bibliografia sobre campesinatos no Brasil e tomando a família como a unidade de residência em que ocorre a reprodução física e social de seus membros (HEREDIA, 1979), parto dos conceitos de campesinato, grupo doméstico e gênero, com fins de analisar como essas categorias se fazem presentes em campo, considerando a figura dos vaqueiros e, sobretudo, a de suas mulheres como elementos centrais da discussão.

Ao tratarmos da ideia de gênero, é possível afirmar que muito já se produziu em torno de seu entendimento, sobretudo nas produções feministas, sejam elas clássicas ou contemporâneas. Com o avançar dessa discussão, e considerando as reformulações ocorridas ao longo do tempo, é possível pensarmos que o conceito de gênero, hoje, requer não passar apenas por distinções entre homens e mulheres, ou masculino e feminino, mas em como essas construções de masculinidades e feminilidades são criadas em articulação com outras diferenças, como raça, classe social, nacionalidade, idade; e, sobretudo, em como essas noções embaralham e se

² O material de campo discutido no presente artigo é fruto de uma pesquisa exploratória iniciada no curso de graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), situada na cidade de Sobral - CE. Realizada sob orientação do professor Jorge Luan Rodrigues Teixeira, a pesquisa tinha como objetivo compreender como se dava o processo de aprendizagem do vaqueiro da lida e do vaqueiro da vaquejada, analisando ainda a posição assumida pelas mulheres. No mestrado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em continuidade ao campo, analisei a presença das mulheres nas vaquejadas pé de mourão cearenses a partir da existência de um coletivo denominado Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA) e da luta constante de suas integrantes para fazer com que a categoria feminina fosse inserida nessas competições, sob orientação do professor John Cunha Comerford, com co-orientação do professor Jorge Luan Rodrigues Teixeira.

misturam no corpo de todas as pessoas, inclusive aquelas que, como intersexos, travestis e transexuais, não se deixam classificar de maneira linear como apenas homens ou mulheres (PISCITELLI, 2009).

Desse modo, considerando essa descentralidade acerca do gênero, torna-se possível acrescentar a ela o fato de como as fazendas se tratam de espaços públicos e privados, a variar de acordo com os corpos que as habitam e em como eles se transformam, seja no cotidiano das propriedades, na separação dos papéis sexuais no trabalho de homens e mulheres, ou quando ocorrem as disputas de vaquejada, quando ambos se fazem presentes no ambiente das disputas.

Em certo sentido, é possível compreender que a divisão sexual do trabalho existente dentro do grupo doméstico permite analisar a ausência de ferramentas conceituais capazes de problematizar não apenas essa distinção entre o público e o privado, mas também a “evidência” vivenciada no cotidiano, no “mundo material corriqueiro” (DORLIN, 2021) das discussões que levam em conta o gênero, ou seja, o que está dado e é experienciado por homens e mulheres no dia a dia.

A QUESTÃO INICIAL DO CAMPESINATO

Em “A organização social da tradição”, Robert Redfield (1956) traz uma discussão bastante pertinente a respeito de como os antropólogos que trabalham nas pequenas comunidades camponesas devem conceber e estudar uma cultura maior e composta, estando ela fragmentada. Em resposta à sua problematização, o autor alega que tendo entrado pela porta dos fundos dessas sociedades, cabe a esse mesmo antropólogo analisar a organização e seus conteúdos de pensamento a partir da ideia de tradição, uma vez que elas tendem a se difundir.

Desse modo, torna-se válido o ponto de inflexão a esse conceito de tradição, conforme evocado na preocupação de Redfield (1956), ao pensar as sociedades camponesas e suas modelagens sociais de complexidade. Por se tratarem de unidades com sistemas culturais autônomos, de partes interdependentes e ajustadas, essas sociedades se impõem como não necessitadas de outros sistemas para manterem um funcionamento contínuo (REDFIELD, 1956), ou seja, elas possuem uma independência econômica em que a família camponesa se configura como

autárquica e capaz de sobreviver a partir do que ela mesmo produz (PEREIRA DE QUEIROZ, 1976).

Em seus estudos iniciais sobre campesinato, assim como Euclides da Cunha descrevia um tipo de camponês forte e de aparência cansada, mas que se transfigurava a partir das circunstâncias, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976) também aponta para uma ideia inicial de que a rusticidade e precariedade de vida sempre distinguiram os camponeses, ocupando na sociedade global uma posição de inferioridade socioeconômica e política, embora representassem uma massa majoritária da população.

A autora assinala ainda alguns traços que tendiam a diferenciar esses camponeses: o camponês se tratava de um trabalhador rural cujo produto final era destinado ao sustento de sua própria família; poderia ele vender seu excedente, e quando não, era dado ao proprietário como parte do aluguel da terra que ocupava; seu caráter principal se fundamentava no destino dado ao seu produto; e, quando não sendo a colheita destinada a obtenção de lucro, essa não deveria ultrapassar determinado nível de gastos para não onerar a disponibilidade econômica e a sua mão-de-obra familiar. Assim, a produção camponesa se pautava na organização do grupo doméstico como uma unidade produtora, sendo ela a responsável pela sua própria mão-de-obra (WOORTMANN, 1982), visto que somente em casos de necessidade era que se colocavam trabalhadores de fora para o reforço no trabalho.

É possível afirmar, conseqüentemente, que desde as primeiras produções sobre campesinato, as quais foram responsáveis por introduzirem-no ao debate antropológico, a família camponesa se constitui como principal unidade social do trabalho e de exploração da propriedade, do mesmo modo que seus produtos sempre se colocaram como destinados a satisfazer prioritariamente as necessidades do grupo doméstico, sendo suas tarefas condicionadas a todos os membros da casa (PEREIRA DE QUEIROZ, 1976).

FAZENDO O COTIDIANO

Nas proximidades da cidade de Sobral, localizada ao norte do sertão cearense, desenvolvo um estudo em duas fazendas existentes no município, denominadas

Fazenda Estrela e Fazenda Grotas³. As duas propriedades sediam disputas de vaquejada, promovidas durante os meses de maio, agosto e dezembro⁴.

As fazendas em estudo, assim como em Woortmann (1982), classificam-se como sendo correspondentes à atividade pecuarista, uma vez que se dedicam ao “gado” ou a “criação”. A autora ainda acrescenta a aplicação da categoria de “propriedade”, termo que designa a posse de grandes extensões de terra, como também faz referência a uma oposição ao pequeno sítio camponês. Desse modo, “fazenda” e “propriedade”, utilizadas ao longo do texto para fazer menção às duas áreas em estudo, são categorias “nativas” e correspondem à grandes extensões de terra para a criação de gado.

No entanto, muito embora as propriedades pertençam a um mesmo dono de terras, as duas fazendas possuem focos distintos. A Fazenda Estrela, que se encontra sob os cuidados do vaqueiro Bento, está voltada à engorda dos animais para abate e ao preparo do gado para as corridas de vaquejada. O vaqueiro-administrador reside com a esposa Lúcia e a filha Marisa na casa de morada da propriedade, além de ser o organizador das disputas de vaquejada. A Fazenda Grotas, por sua vez, tem como foco o trato e o treino dos cavalos para as disputas. Essa propriedade é supervisionada por Francisco, responsável pela cavalaria da propriedade e pela organização dos eventos de disputa. Junto da esposa Geovana e da filha Estela, Francisco reside em uma casa de morada na Fazendas Grotas.

Desse modo, Bento e Francisco são vaqueiros moradores e residem junto de suas famílias nas casas de morada das fazendas. De acordo com Palmeira (2009), residindo nessa casa de morada é possível adquirir o seu sustento e o de sua família, sendo ela parte de um conjunto de benefícios que o proprietário pode conceder. Assim, os vaqueiros se colocam em uma posição de “relação com” o patrão, o que estabelece uma espécie de “contrato” entre essas duas partes (PALMEIRA, 2009).

³ Na escrita do trabalho de monografia optei pela utilização de nomes fictícios, tanto para as fazendas, como também para todos os atores envolvidos na pesquisa (vaqueiros, trabalhadores, mulheres e o proprietário). A escolha se deu, sobretudo, por se tratarem de pessoas que possuem uma carga excessiva de trabalho; por não ser uma atividade formalizada; por muitas vezes haver a necessidade de trabalharem medicados para dar conta das obrigações que lhes são de responsabilidade nas vaquejadas, principalmente quando se trata dos vaqueiros que estão nos bastidores (canceleiros, responsáveis pelo curral etc.), a somar ainda o fato de alguns eventos se estenderem por mais de três dias consecutivos.

⁴ Apesar de alguns parques de vaquejada da região já estarem retomando as competições de modo gradual, as duas fazendas em estudo, até o presente momento (ao período de escrita desse artigo, em agosto de 2021), seguem sem sediar disputas desde do início da pandemia mundial do COVID-19.

Palmeira (2009) acrescenta ainda que essa concessão de moradia, sobretudo quando se trata de um sítio e todos os atributos que ele evoca (terras para plantar e a criação de animais), é considerada uma “recompensa” material, representando uma espécie de “prêmio” concedido pelo patrão ao morador.

Por morador, evoco a definição de Teixeira (2014), quando o define como sendo um “ (...) trabalhador rural que vive com a sua família numa *casa de morada*. Isto é: ele é um residente, mora numa casa que não lhe pertence e trabalha nas terras de um proprietário que lhe cedeu aquela casa.” (TEIXEIRA, 2014, p. 5). O autor ainda acrescenta que, sendo morador, sua ocupação é como variada, assim como a sua forma de remuneração, ou seja, ele tende a exercer as mais variadas funções como parte de seu serviço, podendo receber o pagamento em dinheiro por elas ou não.

Assim, é possível classificar que esse sítio ou a casa de morada se articulam entre os diferentes espaços, de forma a revelá-los como um sistema composto das seguintes partes: mato, capoeira, chão de roça, casa de morada e quintal (WOORTMANN, 1982), e que, ao lhes permitir essa concessão de moradia, ela conseqüentemente implicará na utilização dos seus arredores. Tal qual os sítios analisados por Woortmann, as casas de moradas concedidas aos vaqueiros moradores também possibilitam a utilização de seus arredores, seja para criação de animais ou cultivo de alimentos.

Esse consentimento é entendido como uma espécie de liberdade de produção na extensão da propriedade, e para a conquista dessas permissões e de outras mais, o tempo de permanência se mostra como um fator importante, induzido pela confiabilidade e lealdade desses funcionários para com o patrão. Diante disso, evocam-se as categorias valorativas de *ser um bom funcionário, um bom morador, passar confiança, ter moral* com os outros indivíduos, mas também com os bichos brutos, seja no cotidiano nas fazendas ou nos eventos de vaquejadas.

Teixeira (2019) traz uma reflexão a respeito dos animais entendidos como “brutos”, pois sua utilização segue acompanhada de referências ao seu entendimento (e aqui leia-se, à falta dele) e de sua inocência. Essa inocência, em certo sentido, permite que se compare esses animais a crianças, considerando que ambos não sabem o que fazem. Os brutos, na maioria das vezes, não “entendem” e muito menos são capazes de responder por suas ações, não possuindo assim a intenção de fazê-las (TEIXEIRA, 2019). Em vista disso, quando essas implicações se veem colocadas

diante de uma situação de “judiação” não justificada e imprecisa com os animais, elas tendem a acarretar repressões morais e de condutas aos sujeitos que as praticam.

Para além de assumirem o papel de vaqueiros e responsáveis pela casa de morada concedida pelo patrão, muito embora quem exerça os cuidados sobre elas sejam as mulheres, esses homens também assumem a posição de autoridade dentro do grupo doméstico, e junto de suas esposas e filhos, correspondem ao que seria entendido como família elementar.

Isso posto, de acordo com Beatriz Heredia (1979), estando o homem na posição de pai, responsável e representante de sua família, cabe a ele a função de atender às necessidades de consumo de todos os seus dependentes, a partir do seu trabalho. Essa ideia da figura paterna como superior aos demais membros do núcleo familiar também fora mencionada por Pereira de Queiroz (1976), quando classificava essa relação como família-empresa, uma vez que essa unidade correspondia à uma comunidade autárquica e autoritária de posse e consumo, em que todos contribuem para um bem comum.

O trabalho nas duas fazendas começa logo cedo com a chegada de todos os funcionários: vaqueiros, *trabalhadores*⁵ e tratadores de cavalos. Assim, estando os homens direcionados ao trabalho com os animais de grande porte, ou seja, gado e cavalos, fica a cargo das mulheres a responsabilidade de alimentar os demais, sejam eles de sua posse ou da fazenda, sendo estes: *bichos de terreiro*, como galinhas e patos; ou os animais de criação, como porcos, cabritos etc.

Denota-se, já de antemão, uma hierarquização relacionada ao cuidado dos animais, a variar de acordo com as funções sociais que eles estão destinados a cumprir, em que os mais importantes e de maior valor correspondem a uma atividade masculina, enquanto os demais, que conseqüentemente são menos valorizados, seguem sob os cuidados femininos (GARCIA JR. & HEREDIA, 1971).

A Fazenda Estrela, por ser direcionada ao trato do gado para corridas de vaquejada e engorda dos animais para o abate, segue regida por um calendário anual que varia de acordo com as duas estações predominantes na região: inverno e verão.

Com a época das chuvas e a impossibilidade de realização de algumas atividades, o foco do trabalho se coloca na pastagem do gado e à feitura de cercas

⁵ Os chamados *trabalhadores* são funcionários contratados durante o verão para a realização dos serviços na propriedade, uma vez que eles se tornam mais intensos, e que, conseqüentemente, necessitam de mais gente no serviço.

para evitar que os animais saiam das imediações da propriedade. Essas cercas são feitas de madeira e tendem a se decompor ao longo do tempo - daí a necessidade de constantes reparos e renovação de material (arame farpado e estacas) -, configurando-se nas mesmas que são utilizadas para a proteção de roças contra a invasão de animais (WOORTMANN, 1882).

Se, no inverno, há uma menor demanda de trabalho, no verão, é necessário contratar funcionários temporários para a execução dos serviços que tendem a se tornar mais intensos, como: (1) a postura da ração para o gado, uma vez que já não se possui mais forragem de mato; (2) a retirada de capim; (3) a limpeza do terreno; como também (4) a engorda com os animais para o abate.

Por não haver retirada de leite para a venda ou feitura de queijo, este se vê destinado aos vaqueiros que trabalham nas propriedades, sendo liberado logo depois para os bezerros. Feito isso, as vacas leiteiras são separadas de suas crias, seguindo com o restante do gado para os cercados. Desse modo, o leite que é de pertencimento dos funcionários é retirado e direcionado à casa de morada para que possa ser coado e separado por Lúcia, esposa de Bento.

Em dias mais quentes, o gado é levado para beber e não havendo mais forragem nos cercados, ou não sendo ela suficiente - o que é comum no período da estiagem -, os animais passam a ser direcionados aos currais para que recebam ração e logo depois voltam aos cercados para pastar, retornando somente ao fim da tarde.

É também durante o verão que ocorre a separação dos animais destinados a engorda, função essa realizada por Rosalvo, vaqueiro responsável pela pesagem da ração (sendo ele também cancelheiro nas vaquejadas). Assim, o gado selecionado passa a ficar confinado e recebe uma alimentação específica até que crie peso para que sejam encaminhados para o abate. O restante do rebanho, destinado às disputas de vaquejada, permanece solto no pasto e segue sendo alimentado com menores porções de ração, objetivando assim a manutenção de sua boa forma para as corridas.

A Fazenda Grotas, por estar direcionada ao trato e treino dos cavalos que disputarão as corridas de vaquejadas, não possui lida com o gado. Assim, na propriedade há somente duas vacas leiteiras - cujo leite retirado também se destina ao consumo da casa e aos vaqueiros que trabalham na propriedade -, e alguns bezerros para o treino dos cavalos.

Do mesmo modo como na Fazenda Estrela, com a chegada dos funcionários tratadores de cavalos⁶, retira-se o leite que segue direcionado à Geovana, esposa de Francisco, com fins de que seja coado e separado.

Em seguida, os vaqueiros realizam a limpeza das baias dos cavalos, enquanto os animais são levados para pastar nas imediações da fazenda. Após essas atividades, os funcionários se dedicam aos treinos da cavalaria que ocorrem duas vezes ao dia: pela manhã, por volta das 09:00 horas, e também durante a tarde quando o sol se encontra mais brando, às 17:00 horas.

A finalidade dos treinos intensivos e cotidianos é deixar os animais aptos para as corridas, mais resistentes ao cansaço e prontos para as competições de vaquejada, quando viajam às sextas-feiras com Francisco e Geovana, que além de moradores da propriedade também disputam representando a Fazenda Grotas, ambos correndo, respectivamente, pelas categorias masculina e feminina.

Conforme fora mencionado ao longo da descrição, enquanto fica a cargo dos homens a realização das funções concernentes às imediações das fazendas e que localmente são entendidas como “trabalho” (HEREDIA, 1979), cabe às mulheres a execução das atividades que dizem respeito ao âmbito doméstico, muito embora Geovana atue fora desse espaço aos fins de semana, quando disputa nas competições de vaquejada.

Diante disso, torna-se evidente que o lugar que os diferentes membros ocupam dentro do grupo doméstico está inteiramente relacionado às atividades consideradas como de seu encargo, sendo a casa o lugar da mulher por excelência, a somar ainda o fato de que suas funções são consideradas como sendo um “não trabalho” (HEREDIA, 1979).

Assim como os homens, logo ao raiar do dia as mulheres levantam, preparam o café para todos os membros de sua família, que já se encontra pronto logo mais quando o marido chega da ordenha; são elas que separam, coam e armazenam em garrafas pet o leite destinado aos funcionários - uma atividade realizada de modo cuidadoso para que se evite o corte⁷ -; preparam as refeições ao longo do dia; com a ajuda das filhas que ainda residem em casa, realizam a limpeza do ambiente em que reside o núcleo familiar; alimentam os animais de terreiro de sua posse ou das

⁶ Diferente dos trabalhadores temporários, os tratadores de cavalos realizam os trabalhos na fazenda ao longo de todo o ano.

⁷ “Cortar o leite” significa que ele estragou, algo muito fácil de acontecer quando depositado em algum recipiente sujo, ou se tiver contato com alguma outra coisa.

fazendas, sendo eles para consumo próprio ou venda; assim também como se dedicam a outras obrigações concernentes ao ambiente doméstico, como cuidar dos filhos e fazer a feira, visto que seus maridos passam o dia ocupados com a luta diária nas fazendas.

Diante disso, denota-se que apesar de não se atribuir a característica de “trabalho” às mulheres, mas sim a de “ajuda” (HEREDIA, 1979), o trabalho feminino se coloca como inteiramente relacionado e em complementariedade aquele dos vaqueiros. Essas classificações de “ajuda” e “trabalho”, são entendidas dentro do campo como se tratando de marcadores generificados em que “A dinâmica laboral está fortemente baseada na divisão sexual, a qual qualifica atividades e espaços masculinos e femininos” (DAINESE, 2020, p. 1226), uma vez que as funções são separadas e designadas como pertencentes aos homens e às mulheres.

Assim, considerando as atribuições das funções exercidas por homens e mulheres, está-se diante de uma complementariedade hierarquizada (DAINESE, 2020), uma vez que vaqueiros e mulheres contribuem para a realização das funções diárias das propriedades, seja cuidando dos animais que estão sob sua responsabilidade, dos membros de seu grupo doméstico, ou da casa que lhes fora cedida pelo dono, que exige cuidados diários, como também por se tratar de uma moradia de empréstimo, e que necessita de constante zelo e preservação.

Desse modo, por mais que haja espaços considerados mais hierarquizados que outros, ou pensados como domínios de gêneros separados, existe uma relação de complementariedade em que a ajuda de um viabiliza o trabalho do outro (WOORTMANN, 1991). Bem mais que isso, o trabalho feminino, por vezes, se mostra tão ou mais pesado e exaustivo do que aquele exercido pelos homens.

Ao tratar dessa classificação do trabalho como “leve” ou “pesado”, Paulilo (1987), os apresenta como categorias que variam segundo o sexo do trabalhador e as condições de exploração da terra, ou seja, na posição assumida pelos seus membros de acordo com a hierarquia familiar. Aponta a autora: “Como se vê, ‘trabalho leve’ não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser estafante, moroso ou mesmo nocivo à saúde – mas é ‘leve’ se pode ser realizado por mulheres e crianças.” (PAULILO, 1987, p. 115)

GÊNERO NO MEIO RURAL

Ao pensarmos sobre a discussão de gênero na Antropologia, muito já se produziu ao longo do tempo, podendo nos remontar a algumas dessas definições – clássicas e contemporâneas - pertinentes ao conceito e que se mostram de grande interesse à nossa discussão.

Para Butler (2020), a definição de gênero e suas implicações se dão dentro de uma complexidade na qual sua totalidade é constantemente protelada, ou seja, ele nem sempre se constitui de modo coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, uma vez que estabelece modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas. Para a autora, assim como gênero, o sexo também se caracteriza como contestável, argumentando que sexo é gênero, o que tende a anular completamente as distinções entre os dois conceitos.

Por sua vez, Strathern propõe uma definição de gênero a partir dos construtos sociais e do contexto dos indivíduos:

Entendo por “gênero” aquelas categorizações de pessoas, artefatos, eventos, sequências etc. que se fundamentam em imagens sexuais – nas maneiras pelas quais a nitidez das características masculinas e femininas torna concretas as ideias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. Tomadas simplesmente como sendo “sobre” homens e mulheres, tais categorizações têm muitas vezes parecido tautológicas. Na verdade, suas possibilidades inventivas não podem ser apreciadas enquanto não se atente para a maneira pela qual relações são constituídas por meio delas (STRATHERN, 2006, p. 20).

Strathern critica as formas com que os ocidentais analisam as relações como se tratando de domínios masculinos e femininos, como também a ideia de identidades prontas, uma vez que na Melanésia homens se travestem e desempenham trabalhos femininos, quando em contrapartida, as mulheres, mais do que ser, se fazem percebidas e possuem visibilidade. As dicotomias ocidentais homem/mulher e masculino/feminino separam para “eles” o “fazer” do “ser”, focando na relação e na interdependência dos sujeitos. Para a autora, mais do que classificar mulheres e homens, trata-se de pessoas individuais, e não (in) individuais e separadas, são seres relacionais e compostos de pluralidades.

Ainda nesse viés de construtos e atrelando sua definição às distinções prévias entre as esferas pública e privada, Okin (2008) propõe ser o gênero uma

institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais como socialmente construídas.

Nesse aspecto, e considerando as produções a respeito de que o gênero corresponde a uma construção dos sujeitos, muito já se escreveu sobre a desvalorização das mulheres, remetendo-as como pertencentes a uma esfera privada e restrita ao campo doméstico, como o clássico texto de Meyer Fortes (2011).

Para o autor, as distinções existentes no âmbito familiar poderiam ser traduzidas em um campo “jurídico-político” e em um campo “doméstico”, ou em outras palavras, em público e privado. Ao associar a mulher ao campo doméstico, assim como ao propor a ideia do poder exercido pela figura masculina dentro do campo político-jurídico, essas noções serviram de base para a fundamentação das críticas do feminismo, pois diante dos princípios contidos nesse campo, e conforme já fora mencionado anteriormente, o homem se colocava como autoridade responsável pela sociedade.

Desse modo, entendendo o homem como figura central no grupo doméstico e sendo ele a representação principal da sociedade, existe uma universalização na produção de seus conceitos em leis gerais que se reclamam em ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas e a todos os indivíduos: o pensamento hétero (WITTIG, 1980).

Ao tratarmos do ambiente nas fazendas, sobretudo no que concerne a homens e mulheres, é perceptível uma divisão referente aos sujeitos, atrelada a uma normalização dos corpos e de suas identidades (DORLIN, 2021). Para Carneiro (2017), considerando ser a mulher correspondente à noção de “dona de casa”, se volta a ela uma respeitabilidade e reafirmação constante em dados momentos. Por outro lado, quando se trata dos homens, se mostram sempre lembrados como “donos” ou responsáveis “pela propriedade”, ou seja, a eles sempre se dirigem os entrelaces dos processos que envolvem posse.

Com isso, é possível perceber que apesar de a casa ser tida como um ambiente reservado à mulher, nela existem espaços e posições que se configuram, como aponta Heredia (1979), como sendo mais femininos ou masculinos que outros, como é o caso da sala, que corresponde a um espaço público e de lugar dos homens, ou a relação entre “donas” e “donos”, evidenciada por Carneiro (2017).

Nesse sentido, a cozinha segue posta como o lugar central da mulher, assim como suas práticas relacionadas à comida são tratadas como uma “função social”, ainda que “as mãos” que cuidam de todos não ocupem um lugar de destaque no modo como se organiza a sociedade, estando ela regulamentada pelo que acontece aos espaços públicos e de interesses masculinos (CARNEIRO, 2017). Assim, é possível afirmar que a sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas ou homossexuais, ela oprime diferentes /outros, oprime todas as mulheres, e até mesmo muitas categorias de homens – sobretudo, aqueles que estão fora no ambiente privado, e os que seguem fora da “normalização” heterossexual -, ou seja, todos e todas que estão na posição de serem dominados (WITTIG, 1980).

No entanto, mesmo que o ambiente das fazendas seja condicionado a uma divisão concernente ao doméstico, e que varia de acordo com os corpos que o habitam, ele tende a se transformar quando esse mesmo espaço se amplia para a recepção de um público mais amplo, isto é, quando sedia as disputas de vaquejada. O lugar que a princípio se mostrava condicionado a um cotidiano de trabalho com os animais e restrito ao cuidado dos vaqueiros – mesmo que boa parte desses tratos tenham como fim a realização desses eventos –, com a ocorrência das disputas, eles tendem a passar por uma conversão na disposição desses espaços.

Durante muito tempo, e em certa medida, até os dias de hoje, as vaquejadas se constituíram como sendo um ambiente de pertencimento masculino, sendo o homem o seu personagem principal. No entanto, esse cenário segue passando por algumas transformações, pois tem se tornado bastante comum acompanhar a inserção das mulheres nesse campo e em tais competições.

Bem mais que meras acompanhantes de seus maridos, as mulheres passam a ocupar agora também o papel de competidoras - como é caso de Geovana, esposa de Francisco - e a se apropriar desses espaços disputando pela categoria feminina, mesmo que ainda haja uma predominância masculina e inúmeros empecilhos quanto a efetivação de sua participação nas corridas.

Como forma de driblar esses impedimentos, que por vezes implicavam na não participação dessas vaqueiras nas competições, e de evitar que as mulheres se submetessem à situação de ter que disputar dentro da categoria masculina, ou até mesmo na mirim, juntamente às crianças, foi criada a Associação Feminina de

Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA)⁸. O objetivo principal do grupo é tornar possível e menos burocrática a inserção feminina nas disputas, seja nas fazendas em análise, como também nas corridas que ocorrem em outras cidades, visto que se tratam de mulheres de vários lugares diferentes.

Com isso, a partir da criação da AFEVA, tornou-se possível construir uma rede junto a outras mulheres que, de antemão, também possuíam interesse em disputar nas corridas, e por falta de oportunidade e espaço, não o faziam. Hoje, diante de muita insistência, a categoria feminina segue implementada por alguns parques de vaquejada, apesar de ainda seguirem na luta pela sua premiação fixa e pelo respeito à sua modalidade.

Essa transfiguração ocorrida no meio rural e promovida pela figura feminina é algo que já remonta às últimas décadas, muito em razão de uma série de movimentos sociais que culminaram em lutas pelos direitos dos trabalhadores rurais, ou melhor, dos camponeses e camponesas (DAINESE *et al*, 2018), como também pelo que foi experienciado e vivido pelo Movimento de Mulheres Camponesa (MMC).

Enquanto os movimentos feministas atuais defendem a questão da igualdade dos homens e mulheres, rastreando preconceitos relativos à inferioridade do sujeito “mulher”, denunciando a iniquidade de sua condição, produzindo um novo saber sobre as mulheres e desqualificando o chamado “conhecimento verdadeiro” (DORLIN, 2021), as mulheres pertencentes ao Feminismo Camponês e Popular trazem à tona, em suas pautas, a questão do patriarcado e das desigualdades de classes. O que lhes interessa, a princípio nessa luta, é que as atividades femininas sejam valorizadas, tanto quanto as consideradas produtivas e realizadas pelos homens, uma vez que elas também trabalham nessas atividades rentáveis, e todo seu esforço segue sendo depreciativamente considerando como uma “ajuda” (PAULILO, 2021).

Em uma entrevista recente concedida por Ellen Woortmann (DAINESE *et al*, 2018), a autora menciona que nas estruturas tradicionais de gênero que envolviam as lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) sempre foi conferida à mulher a tarefa de gestão das barracas e de gerir o cotidiano proporcionado pelas circunstâncias de quem vivenciava aquele cotidiano, sendo delas

⁸ A questão das mulheres se colocou como um dos meus achados em campo, a somar ainda, e principalmente, a questão de não atuarem somente dentro do ambiente doméstico, mas também para além dele. Desse modo, as mulheres passam a assumir também o papel de vaqueiras, e a se organizarem a partir da Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA), tendo sido ela tema da minha dissertação de mestrado.

a função de “cuidar”, manter e organizar o acampamento, tornando aquele espaço um lugar mais feminino e habitável.

A autora acrescenta ainda que além dessa função de responsáveis pelas barracas de ocupação, eram concedidos a elas também cargos secundários e invisibilizados, como os de auxiliares e secretárias, posições que não lhes davam vez e voz de comando. No entanto, é possível salientar que essa realidade tem se alterado nas últimas décadas, mudanças essas ocorridas em razão dos ajustes internos ao movimento social. Tal qual as mulheres do MST, as vaqueiras também se veem diante de um processo de mudança, visto que sua inserção no ambiente das vaquejadas, principalmente para algumas veteranas do movimento, se deu a partir da presença nesses eventos festivos com os maridos. Algumas delas, como é o caso de Geovana, ficavam responsáveis pelo preparo da comida e por gerir a organização dos carros de boi em que eram transportados os cavalos, mas que durante os dias de competição se transformam em “morada” de homens, mulheres e crianças. Hoje, a entrada das vaqueiras no mundo das vaquejadas é permeada pela existência da associação, assim como pelo crescente número de mulheres nesses espaços, que se faz cada vez presente.

Em síntese, é possível atrelar essas transformações a um avanço no que se entende por identidade sexual referida a homens e mulheres, considerando-os como algo bem maior que seus construtos biológicos, ou seja, masculinos e femininos. Com isso, o centro do debate passa a se colocar agora diante das ações dos sujeitos e não mais nos papéis que lhe são impostos.

CONCLUSÕES

Diante do que fora exposto, é possível inferir que qualquer tentativa de conclusão a este debate se mostrará insuficiente. Os estudos sobre campesinato seguem avançando, assim como as discussões de gênero, na medida em que se explora cada vez mais esses campos, fazendo deles uma fonte potencialmente inesgotável.

Ao longo da elaboração de minha discussão, apresentei a oposição entre público e privado, em que o privado se vê associado ao ambiente doméstico, referido à família enquanto uma unidade elementar, espaço de trabalho e lugar generificado.

O público, por sua vez, corresponde à vaquejada, momento em que as fazendas se abrem para prestigiadores e às disputas festivas entre vaqueiros e vaqueiras. Com isso, pode-se demonstrar que família e gênero são construídos, envolvem performatividade e pessoas compósitas cuja natureza é relacional. As mulheres que participam das vaquejadas nos desafiam e nos colocam a (re) pensar e a (re)discutir gênero; a própria família camponesa e a sua premissa em se tratar de uma unidade de produção.

Desde os primeiros estudos, como exemplificado a partir dos trabalhos de Redfield (1956) e, sobretudo, de Pereira de Queiroz (1976) – quando a autora apontava para um possível desaparecimento do campesinato brasileiro – é possível perceber uma clara evolução, seja no modo de classificar os sujeitos ou nas ações que eles operam.

A família camponesa, ou a tida família elementar ou nuclear, traz em seu histórico uma alusão de autossuficiência que se aplica a todos os seus membros, ainda que a atribuição de chefia e responsabilidade pelo núcleo familiar tenha sido dada ao pai de família. Essas desigualdades existentes entre homens e mulheres, seja no mundo do trabalho ou da política, são inextricavelmente relacionadas, em um ciclo causal de mão dupla, às desigualdades no interior da família (OKIN, 2008).

Com isso, é possível afirmar que o camponês – e aqui, leia-se, também a camponesa – se coloca como portador de um saber próprio, o qual não se fundamenta somente nas práticas cotidianas, mas que possui condições suficientes de incorporar, inovar e de se atualizar diante das mudanças condicionadas (DAINESE *et al*, 2018), seja no que se considera propriamente “trabalho”, ou nas “ajudas” proferidas à mulher, transformando esses agregados de espaços separados em um todo articulado (WOORTMANN, 1991).

Assim, com o avançar das discussões sobre campesinato ao longo dos anos e a partir dos recentes estudos etnográficos no meio rural, sobretudo os que implicam diretamente em uma discussão sobre gênero – muito embora ela sempre estivesse presente no que concernia a família nuclear e aos seus membros –, caem cada vez mais em desuso as afirmações fundamentadas em uma ideia de natureza dos corpos dos indivíduos, sendo eles masculinos ou femininos. A pesquisa permitiu observar a divisão sexual do trabalho entre corpos e espaços, divisão essa que naturalizou

homens e mulheres em seus papéis, e em consequência, as relações de poder no âmbito familiar.

Evocadas agora como categorias possíveis de revisão, tem se colocado em debate as classificações de público e privado, assim como também, e principalmente, as transformações e o avançar proporcionado pelos sujeitos que esses conceitos compreendiam, ultrapassando a ideia de identidades prontas, como trata Butler (2020), não correspondendo mais simplesmente a uma questão de masculino e feminino, mas das ações que eles passam a assumir como próprias.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: _____. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2020.

CARNEIRO, Ana. “Mulher é trem ruim”: a “cozinha” e o “sistema” em um povoado norte-mineiro. **Estudos Feministas**, v.25, n.2, p. 707-731, 2017.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 2 ed. São Paulo: Principis, 2020.

DAINESE, Grazielle; CARNEIRO, Ana; MENASCHE, Renata. Campesinato, gênero, pesquisa de campo: Ellen F. Woortmann com a palavra. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 10-26, 2018.

DAINESE, Grazielle. Trabalhos, Ajudas e Gênero: um Olhar desde as Experiências das Mulheres da Terceira Margem-Minas Gerais/Brasil. In: PALERMO, Hernán M. & CAPOGROSSI, M.L (dirs.). **Tratado Latinomericano de Antropología del Trabajo**. Buenos Aires: CLACSO, CEIL, CONICET; Córdoba: Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad (CIECS), 2020. p.1213-1246.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades**. Introdução à uma teoria feminista. São Paulo: Crocodilo/UBU, 2021.

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico** (série traduzida). Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. 2011.

GARCIA JR., Afrânio; HEREDIA, Beatriz. Trabalho Familiar e campesinato. **América Latina**, v.14, p.11-21, 1971.

HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OKIN, Susan. Gênero, o público e o privado. **Estudos feministas**, v.16, n.2, p.305-332, 2008.

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. In: _____. **Mulheres Rurais**: Quatro décadas de diálogo. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.

_____. Feminismo Camponês e popular e pós-modernismo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 29, n. 2, p. 253-277, 2021.

PALMEIRA Moacir. Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional. In: WELCH, Clifford *et al* (orgs.). **Camponeses brasileiros: Leituras e interpretações clássicas**, vol. I. São Paulo/Brasília: UNESP/NEAD, 2009. p.203-215.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O sitiante brasileiro e o problema do campesinato. In: _____. **O Campesinato Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1976.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque & SZWAKO, Eduardo (orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendes&Vertcchia, 2009.

REDFIELD, Robert. The social organization of tradition. In: _____. **Peasant Society and Culture**. USA: The University of Chicago Press, 1956.

SILVA, Laenia. **Do ‘aboio’ ao valeu-boi**. Aprendizagem e luta de vaqueiros e mulheres no município de Sobral – CE. 2019. 83 f. (Monografia de Graduação). Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, 2020.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, Jorge Luan. **Na terra dos outros**: mobilidade, trabalho e parentesco entre os moradores do Sertão dos Inhamuns (CE). 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2014.

_____. **Caçando na mata branca**: conhecimento, movimento e ética no Sertão Cearense. 2019. 462 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2019.

WITTIG, Monique. “O Pensamento Hétero”. 1980. Disponível em https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf8

WOORTMANN, Ellen. O sítio camponês. **Anuário Antropológico**, v.6, n.1, 164-203, 1982.

_____. Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” no Nordeste. **Série Antropologia**, v.111, 1991.